

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV — Número 1.107

Sexta-feira, 30 de Junho de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Taltaba-Lisboa e Telefone 5333-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O "habeas-corpus" é uma liberdade a que temos direito!

Para a história da colonização portuguesa

O negro — vítima secular

"O preto resiste a todos os portugueses":

Prostituíram-lhe a mulher e as filhas — e resistiu!
Roubaram-lhe os haveres e a liberdade — e resistiu!
Envenenaram-no com álcool — e resistiu ainda!

A história revoltante do «preto» que resiste a todos os portugueses, aqui combatida com energia, precipitou a publicação duma série de artigos sobre a colonização portuguesa em África, para os quais andamos, há muito, colhendo elementos valiosos e argumentos irrefutáveis.

De facto, em África, «o preto» tem resistido a todos os portugueses, tem suportado, resignado umas vezes, revoltado outras, os maiores, os mais bárbaros e monstruosos atentados contra a sua independência, contra a sua dignidade de marido, contra o seu amor de pai, contra os seus direitos indiscutíveis de homens.

«O preto resiste a todos os portugueses». Sim, o preto, malgrado a violência dos golpes vibrados pelos portugueses, tem resistido e resistido bem.

Esse pobre diabo, negro, fustigado, humilhado, como se o cobrisse todo a tristeza, a angústia que a iniquidade dos brancos (há excepções) gravou na sua alma dolorida; esse pobre diabo, esquelético, acobardado, uma sombra de idiota doloroso nos seus olhos de alcoolico, o corpo coberto de feridas purulentas criadas por moléstias mal curadas ou pelas chicotadas bárbaras dos co-

lonos analfabetos; esse pobre diabo negro, sombra de homem que já não é, espectro dum organismo privilegiado, cuja energia se perdendo, se esvaia por culpa de heróicos aventureiros que foram a África na intenção altruista de civilizar os selvagens; esse pobre diabo é o «preto» que resiste a todos os portugueses.

Tem resistido e resistido bem. Resistiu e resistiu às caçadas agueridas, autênticas montarias, que através das selvas os portugueses, os bons e gloriosos portugueses, lhes tomam feito, na piedosa e útil intenção de desenvolver a agricultura colonial com o seu esforço mal-pago, tristemente pago, com o sacrifício das suas vidas preciosas e da sua liberdade.

Tem resistido, o pobre preto, e resistido bem. Resistiu às exortações constantes, exageradas, desumanas, que ultrapassam a capacidade de resistência do mais rico — tem resistido aos impostos de palhota pagos em ouro, ele, que outra riqueza não tem senão a liberdade restrita de fugir através do capim, às caçadas que os negreiros lhes fazem, autênticas caçadas onde não falta o laço para amarrar a presa.

Tem resistido e resistido bem. Resistiu e resistiu à grande dor do

ver os portugueses prostituírem-lhe a mulher e as filhas, arrastarem-na para a prostituição mais abjecta, mais torpe, mais nojenta e revoltante.

E ainda existe o pobre negro, débil, despojado de tudo, de haveres, de honra e liberdades! E ainda resiste esse corpo alquebrado, essa alma despedaçada! Prodígiosas faculdades de resistência são as suas!

Continuam, em África, os portugueses valentes a fazer do indígena resistente — como na feira Mayer se faz dum branco mascarado, dum branco tam negro na sua miséria, como os próprios pretos — o alvo predilecto para as boladas dos brancos, para os tiros, para os roubos, ofensas, ultrajes dos portugueses orgulhosos, envaidecidos da sua civilização.

E a história desse pobre diabo que vegeta ao deus-dará pelas nossas formosas colônias, é a história desse preto admirável que, através dos séculos, «tem resistido a todos os portugueses», que nós vamos contar em artigos sucessivos.

E provar-se há, então, com argumentos claros, nítidos, irrefutáveis, que o preto realmente resiste a todos os portugueses.

Mário DOMINGUES

O sindicalismo na Espanha

Conferência de Barcelona

Discutem-se as relações internacionais — Movimentos nas Astúrias e Vizcaya — Várias — Comício de encerramento

Relações Internacionais

Na oitava e última sessão discute-se o parecer que ontem publicamos relativo à política internacional.

Arlandis impugna esse parecer, parecendo-lhe que esta assembleia não pode tomar acordos destes, porque muitos dos temas aprovados não puderam ser estudados pela organização e segundose as normas federalistas as decisões veem de baixo para cima.

Todas as delegações se levantam para demonstrar que estão autorizadas pelos seus organismos a tratar todas as questões submetidas ao exame da conferência.

O secretário da Confederação explica como foram feitos os convites, declarando que o tema das relações internacionais é perfeitamente legal e por isso pode ser votado.

Arlandis continua impugnando o tema por entender que o mesmo os separa das forças revolucionárias, demais a mais agora em que se fala sobre a necessidade do curso dos operários internacionais para liquidar os agravos recebidos durante a repressão.

O delegado de Igualada aclarou que durante a repressão todas as associações reformistas e comunistas se abandonaram por completo.

Arlandis prossegue dizendo que o essencial para a Confederação é reafirmar as forças revolucionárias espanholas estendendo a mesma acção para com os organismos revolucionários do mundo. O proletariado mundial não fez o que se desejava durante a repressão, não por falta de vontade, mas porque a falta de trabalho e as lutas o impossibilitaram; ajunta que enquanto os patronais completam os seus quadros, nós dividimos, nós destruímos.

Um dos proponentes, Pastanha, intervém esclarecendo que o que os proponentes e a Confederação propõem é a identificação com as Confederações Revolucionárias Sindicalistas, porque com elas se assemelha a ideologia e a acção.

Delalha a importância que podem ter as relações com as Confederações portuguesas e francesas pelo continuo intercâmbio de sindicalistas que vão de um a outro lado. Acrescenta que o parecer não diz que se isole das forças revolucionárias, mas sim que se agriguem os elementos ains, tendem em conta o que sempre haverá, um mínimo de coisas, como solidariedade com os elementos que sofrem perseguições, que por nós sempre serão atingidos. O acto de Berlim terá seguramente esse fim.

O delegado de Vizcaya diz que a causa de não se prestar a devida ajuda foram os pontos de vista particulares que podiam mais que o interesse nacional.

Convida os trabalhadores a unir-se, abandonando toda a luta mesquinha. Os verdadeiros revolucionários encontrar-se-ão na luta.

Após a aprovação duma moção para se dar a matéria por discutida é o parecer aprovado.

Várias

As lutas de Asturias e Vizcaya

Aprova-se a seguinte moção: «As delegações de Asturias e Vizcaya», considerando os criticos momentos em que os mineiros asturianos e os metalúrgicos de Vizcaya se acham defendendo-se da ofensiva patronal para a rebatida de salários e aumento de jornada, e além disso, tendo em conta a vacilação remane nas zonas devido ao confusãoismo impregnado nas massas pelos homens (reformistas) que, por sua funesta actividade a frente do proletariado, foram fustigados por todos os elementos que fielmente reflectam as nossas aspirações e praticam a tática revolucionária, propõem:

Que a assembleia acorde em redigir um manifesto, de carácter nacional, dirigido aos mineiros de Asturias e metalúrgicos de Vizcaya animando-os a prosseguir na luta pelos princípios mais sagrados que orientam a organização, ao consentindo que os comitantes de consciência lhes imponham outro novo patel ou forma de governo, para fructos de pés e mãos ao trabalho, com o perigo eminente dos que já hoje não podem viver com os salários actuais».

A situação de Barcelona

O delegado de Vizcaya pergunta quais os motivos porque a organização de Barcelona não está legalizada.

O secretário de União Local e da Confederação respondem que não se fez isso por se ignorar se as autoridades aprovariam os estatutos e ainda por não se ter a moralidade e dignidade, com o que Barcelona se dá por satisfeito.

Pastanha concorda, em principio, com a decisão da organização de Barcelona, mas entende que por razões gerais conviria reafirmar a linha de conduta.

Relata que no dia seguinte ao do restabelecimento das garantias se rasgaram muitas cadernets de sindicalistas livres. Isto demonstra que legalizada a situação de Barcelona, logo esta viria a ser o que foi, terminando por aconselhar a organização a reavaliar a sua resolução.

Buenacasa mantém idêntica opinião. O secretário da Confederação diz que apesar do terror e da perseguição de que são objecto os militantes em Barcelona, os Sindicatos marcham rapidamente

«Solidaridad Obrera»

Entra depois em discussão «Solidaridad Obrera», cuja vida económica é precária. Vários delegados pronunciam-se contra a inserção de anúncios, resolvendo-se que se não publiquem anúncios que propaguem a cultura e a higiene.

Para cobrir o deficit do jornal resolvem-se que os Sindicatos enviem doações e subvenções, precisando-se as quantias que semanalmente são necessárias para aquela fim e para que «Solidaridad Obrera» se mantenha com uma situação desafiada.

Resoluções finais

A Conferência resolve ainda que para Berlim seja pedido que o próximo Congresso Internacional se realize na Espanha.

Propõe-se para que o Comité Confederal se transfira de Barcelona para outra localidade, sendo resolvido em contrário.

Propõe-se ainda para que o Comité Confederal seja composto de delegados de todas as regiões. Mis como essa proposta comporta um novo sentido orgânico, ficou deliberado apresentar-se a questão no próximo Congresso Nacional.

Comício de encerramento

A Conferência é encerrada por um importante comício, na Praça de Touro. Assistem cerca de 12 mil pessoas, estando a Praça literalmente cheia. Preside Pardo, secretário geral da Confederação. Fazem uso da palavra Buenacasa, representante de Aragón, Rioja e Navarra; Viadui, representante de Levante; Arenas, representante de Asturias e Gúiz; Paulino Díez, da Confederação Andaluza; Pastanha, representante Guipúzcoa e Vizcaya e Seguí, em nome dos presos.

Falando alguns dos melhores oradores

O PROJECTO HABEAS-CORPUS

Será a Câmara dos Deputados, embora platonicamente, capaz de afirmar um princípio de liberdade?

Está em discussão no parlamento um importante projecto de lei perante o qual todos os que amam e defendem a liberdade tem o dever de manifestar-se. Trata-se do *habeas-corpus*. O autor do referido projecto é o sr. Pedro Pita que merece aplausos pela sua iniciativa.

O *habeas-corpus* é, para nós, primeiro que tudo um princípio de liberdade e por esse motivo merece ser defendido com energia e amor. Não vimos pedir a aprovação desse projecto, porquanto nós sabemos que apesar de convertidos em lei, os mais altos princípios de liberdade são atraçados pelo primeiro governo tiranice que apareça.

Defendemos o *habeas-corpus* como princípio e não como lei. Para nós, o *habeas-corpus* convertido em lei é apenas uma afirmação de princípios, um apoio moral aos princípios de liberdade.

E o apoio a essa afirmação de princípios agrada-nos, para de onde partir. Se a Câmara dos Deputados aprovar esse princípio, sentir-nos-emos mais satisfeitos do que perante uma repressão.

O *habeas-corpus* não é uma inovação. Outros países há que o consignam na sua legislação. Não permite esse princípio se conserve preso sem culpa, sem acusação concreta, ou sem que

tivesse sido surpreendido em flagrante delito qualquer indivíduo que tenha a infelicidade de ir parar à cadeia.

Se esse princípio fosse respeitado muita iniquidade seria evitada. E' a Inglaterra o país mais respeitador do *habeas-corpus*, o que não impede que injustiças se cometam a cada passo. Entretanto, justo será dizer-se, que talvez muito maior fosse o número de arbitrariedades se o *habeas-corpus* não fosse em Inglaterra mais do que lei, mas um hábito — e neste país as leis tornam-se mais depressa que noutro qualquer em hábitos — e os hábitos são sagrados para os ingleses.

E' possível que amanhã o *habeas-corpus* seja lei em Portugal. Compete-nos a nós, povo, a nós que somos, em regra, perseguidos arbitrariamente, reivindicar os direitos que o *habeas-corpus* dá, direitos muito justos e por isso mesmo muito defensáveis.

Não se passa uma semana que as autoridades portuguesas não cometam uma iniquidade, uma injustiça tremenda; em geral os presos esperam meses indefinidos por julgamento. O *habeas-corpus*, em principio, não permite tais injustiças. O preso pode reclamar o *habeas-corpus* e se não houver acusação

concreta, se existir apenas, como é costume neste país, o desejo de reter o infeliz na cadeia, de condená-lo, de morando o julgamento, a prisão de longos meses, as autoridades, uma vez requerido o *habeas-corpus*, são obrigadas a pô-lo em liberdade no curto prazo de dois ou três dias.

Os leitores, entretanto, sabem que as leis são respeitadas quando os governantes querem, e quando essas leis não chocam com os seus interesses. Porém, como todas as afirmações em prol da liberdade, por mais platinicas que sejam, trazem sempre vantagens para a mesma liberdade e põem em cheque o princípio da autoridade, o projecto de lei do sr. Pedro Pita, se for aprovado, embora as autoridades depois saltem por cima da lei, vem contribuir um pouquinho para a emancipação que defendemos.

Pode-se saltar sobre uma lei, mas nunca sobre um princípio de liberdade que se afirmou. Um princípio que se afirma é uma semente que mais tarde ou mais cedo germinará.

Vejamos, pois, se a Câmara dos Deputados terá coragem de afirmar, embora platonicamente, um princípio de liberdade, aprovando o projecto de *habeas-corpus*.

Pró-A BATALHA

CONVITE A TODOS OS TRABALHADORES

Na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, realiza-se hoje, pelas 20 horas, uma sessão de propaganda de A BATALHA, em que falarão, entre outros operários, os camaradas Alexandre Vieira e Manuel Joaquim de Sousa.

Convida-se os camaradas de todas as classes a assistir, visto tratar-se de uma reunião em prol do nosso órgão na imprensa e na qual serão ventiladas algumas medidas para o não deixar desaparecer.

Viva A BATALHA!

Viva a organização operária!

A COMISSÃO PRÓ-«A BATALHA»

C. G. T.

3.º Congresso Nacional Operário

Federações, Uniões e Sindicatos já aderentes e seus respectivos delegados

Associação de Classe dos Operários Corticeiros do Seixal, Joaquim Nunes Paredes; Associação de Classe dos Corticeiros de Almada, Silvério dos Santos; Sindicato Unico da Classe Têxtil do Pórtio, António Alves de Sá; Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Portalegre, Inácio Miranda; Associação dos Trabalhadores Rurais de Benavilla, Joaquim Domingos Carrilho; Associação dos Operários do Município de Lisboa, Abílio Correia de Lemos; Sindicato Unico das Classes Mobiliárias, de Lisboa; Sindicato Unico Metalúrgico de Olhão, António Gonçalves Dias; Associação de Classe dos Manufactores de Calçado, da Covilhã, Francisco da Cruz Coelho; Tanoelros de Lisboa, Faustino Pereira; Corticeiros do Barreiro, Arnaldo Valverde; Operários da Indústria Têxtil da Covilhã, António Lopes Jorge, Manuel dos Santos Luis e João Bola; Operários Curtidores e Surradores de Guimarães, João Torquato Ribeiro; Operários Mineiros de Aljustrel, António Alves Figueira; Rurais do Ervidal, Francisco das Neves Sacoto e Joaquim dos Santos Pinto; Rurais do Val do Vargo, Artistas Confiteiros e Artes Correlativas do Pórtio; Rurais de Beja, Manuel António de Brito; Empregados no Comércio de Silves; Rurais de Fronteira; Manipuladores de Pão do Pórtio, Domingos Pinto; Sindicato Unico dos Operários da Indústria do Vestuário do Pórtio, António de Carvalho, Henrique Fernandes e João Rodrigues; Construção Civil de Aljustrel, Vitor Manuel; Associação dos Rurais de Pias, José Joaquim Torreira.

Litógrafos e Anexos de Lisboa, António Ferreira; Medidores de Cereais; Corticeiros de Lisboa, Joaquim Silvestre Moita; Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa, Alfredo Lopes, Marcelino da Silva e Luis Gonzaga; Cateadores do Pórtio de Lisboa; Rurais de Vila Nova de Barónia, Manuel José de Carvalho; Rurais Eborenses, António Tomás; Rurais da Graga do Divor, Manuel Gomes Pinto; Rurais do Escorial, António Grenha; Rurais de Vila ranca de Xira; Associação dos Vende-

Comissão organizadora do Congresso Nacional Operário

Volto a reunir esta comissão para continuação dos trabalhos pendentes, tendo apreciado além de vario expediente uma tese da Associação dos Empregados do Estado, de que é relator Nogueira de Brito.

Esta comissão lembra a todos os sin-

dicatos do país a conveniência de responderem com a maior brevidade à circular-convite, enviada por esta comissão, a fim de não prejudicar os seus trabalhos. Em as colunas de A BATALHA, serão publicadas as teses que ao Congresso serão submetidas.

A comissão volta a reunir hoje, às 20 horas.

A situação de A BATALHA

Mais sindicatos que votam a cota suplementar

O Sindicato dos Operários Carregueiros de Lisboa, na sua última assembleia, votou a cota suplementar de auxílio A BATALHA.

Também a Associação dos Trabalhadores Rurais de Ervidal resolveu auxiliar A BATALHA, indo mesmo além da cota de 5 centavos.

Operários das Obras do Estádio

A comissão de melhoramentos convida os operários das obras do Estádio sem distinção de classes a reunirem-se hoje, pelas 20 horas, na sede do sindicato, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, para a comissão dar conta dos trabalhos efectuados sobre o aumento de salários aos referidos operários.

Instrução

Foram nomeados, interinamente, director e secretário da escola primária superior de Penafiel, respectivamente os professores srs. Eduardo Soares de Moura e António Coelho Ribeiro Alves.

Funcionalismo público

Vai ser concedida uma nova subvenção

Segundo consta, foi ontem submetido ao conselho de ministros o projecto de diploma concedendo aos funcionários civis e militares uma nova ajuda de custo de vida que para os civis será de 50 por cento em relação à actual.

Consta mais ter sido resolvido que essa melhoria de subvenção seja também concedida aos assalariados do Estado.

Como se suscitasse algumas divergências acerca dos termos daquele diploma, ficaram os srs. ministros das finanças, da guerra e da marinha de entre si harmonizarem o assunto a fim de se resolver definitivamente na sessão do conselho que se efectuará na próxima segunda-feira.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Mal vai a sociedade...

Mal vai a sociedade quando leva os indivíduos ao suicídio, por falta de recursos. Se não tivesse havido já, infelizmente, inúmeros suicídios não teríamos notado ontem que a sociedade estava mal organizada. Mas o suicídio de João Ferreira Tenente não nos causou surpresa. Ele vivia mal com a sua companheira. Falta de dinheiro, falta de conforto. Amavam-se. Não há, porém, amor que dure, onde não existe pão, nem bem-estar. O amor, assim, é uma tragédia — a tragédia dos pobres vivida em silêncio, entre lágrimas angustiosas e escondidas nos farrapos gastos dos lares infelizes. Há os que resistem e sabem levar até final a pesada cruz; há os que desesperam e interrompem os sofrimentos de que não são culpados, com um tiro de pistola. Ontem, de madrugada, num lar modesto da rua da Caridade, João Ferreira Tenente, não podendo sofrer mais nem ver sofrer a mulher que amava, suicidou-se.

Nós já o havíamos notado há muito; mas haverá ainda alguém que não tenha reparado que uma sociedade como a actual está também perto do suicídio?

Da vida e da morte Estes últimos dias que decorreram numa alegria aparente, foram afinal profundamente trágicos. Dois suicídios se registaram, em menos de vinte e quatro horas. A um fizemos já referência, ao outro, mais misterioso, apenas podemos fazer um comentário leve, nublado, como nublada foi a causa do triste acontecimento. Maria Suzana de Almeida, jovem, artista, foi a suicida. Porque se suicidou? Não se sabe. Apenas se conhece um facto: andava triste a pobre donzela. Foi com certeza essa tristeza que a levou a tomar uma extrema resolução. Vinte anos que desabrocham para a vida e procuram a morte! Como isto é triste...

Na feira Mayer Não foi apenas A Batalha que se manifestou contra o espectáculo degradante que na Feira Mayer se está dando, com o tal preto que resiste a todos os portugueses. Também o sr. José do Vale, no *Rebato*, contra ele se revoltou. Permittimo-nos recordar do seu artigo o seguinte período:

«O torpe espectáculo é dos tais que envergonham a civilização, porquanto degrada o homem, rebaindo-o a uma insignificante coisa. A selvageria do empresário explora a selvageria de certo público que só por engano anda com as mãos no ar. E o desgraçado, na sua absoluta inconsciência, presta-se ao miseravel papel — para ganhar a vida.»

Um revoltante abuso de confiança

Os empregados do Crédito Predial pediram aumento de ordenado ao governador dr. J. A. Sousa Rodrigues, por intermédio dos seus chefes.

Estes, que nada haviam pedido para si, mas só para o pessoal, locupletaram-se com as maiores importâncias da verba de 4.500\$00 mensais, que dito governador cedem como subvenção, encaregando-os da distribuição pelos empregados.

Logo que se soube do resultado da distribuição, uma parte do pessoal protestou por escrito, do que o reaccionário governador não gostou, prevendo-se pela sua attitude, que tenta exercer represálias.

Isto representa nada mais do que um revoltante abuso de confiança de que é conivente o governador, pela sua attitude, e o pessoal recebeu a lição de que confiança alguma pode ter nos seus chefes, que à sombra do seu nome o tenta esbargar.

Salienta-se, como attitude indecente, a do (tesoureiro) Pimentel, hoje o quero, posso e mando, e para contraste, o único que teve um gesto nobre e digno o chefe Ramos Nunes, que não esqueceu o seu passado de bom e leal camarada.

Pró-famintos russos e caboverdeanos

Na última assembleia geral do Sindicato Unico da Construção Civil, foi nomeada uma comissão para levar a effecto, juntamente com a comissão administrativa, um bando precatório pró-famintos russos e caboverdeanos, que neste sentido já effectuou algumas *marches* junto do governador civil.

A comissão, da qual fazem parte José Ribeiro, Carlos dos Santos, Manuel dos Santos, João Gomes, Augusto Emilio, Daniel Francisco, João Alberto, A. Pinho Alonso e António Pereira, deve reunir na próxima terça-feira, 4 de Julho, para assentar em definitivo sobre os trabalhos a effectuar.

SOLIDARIEDADE

A comissão organizadora da homenagem a Jaime de Figueiredo conti já com valiosos elementos para o bom êxito dos seus esforços. Em breve será publicad o programa, que se acha completamente organizado. Os bilhetes encontram-se desde hoje à venda, na sede do Núcleo Juvenute Sindicalista de Lisboa e suas secções. O produto liquido será entregue à mãe de J. J. de Figueiredo, pelo que a comissão espera que todos saibam compreender o alto significado desta homenagem.

— A festa que amanhã se devia efectuar em benefício do camarada José Furtado, ficou transferida para o próximo dia 15 de Julho.

A BATALHA em PARIS

Vende-se na Maison de la Presse Portuguesa — Rue Blanche, 40

A Companhia Carris do Porto

vai dar novo assalto à bolsa do respeitável A câmara colabora nesta nova extorsão?

PORTO, 28-C.-O. ex. Severiano, que actualmente nesta cidade é a conhecida abreviatura da Companhia Carris de Ferro, anda atarefado nas argutíssimas manobras que não de permitem a profunda alteração da tabela dos preços das passagens avulsas e da concomitante multiplicação das zonas encarecidas. E como a Câmara Municipal moralmente está muito bem vista pelo público português, atendendo ao zelo inextinguível com que tem defendido os interesses sagrados dos explorados municípios—a prova está no recente caso das carnes—esta entidade oficial, de casa e pucarrinho com a potente Companhia Carris, colabora, ao que consta, nesta outra extorsão de que mais uma vez o respeitável vai ser vítima.

Este novo assalto, que está prestes a concluir-se na misteriosa forja dos concluídos intermináveis, é o epílogo da comédia *Câmara Carris e Anualistas*, que todos os anos se repete com chiste, com movimento, bom desempenho e alguma afilidade de espectadores à apertada mas bem focada platéia da divertidíssima *Damns*. É o benefício anual que a Companhia Carris, costumeiramente dar para ocorrer ao monstruoso déficit dos seus cofres abalados. Porque a Carris existe para fazer favores aos passageiros e por isso é de toda a justiça que estes, ao menos uma vez ou duas no ano, lhes prestem também...

Al pelas alturas de Dezembro—Janeiro de 1921-22 estalou a réplica do conflito entre a Câmara e os anualistas e a

Companhia Carris, quer dizer: e o sr. Severiano. Pelo menos é crença geral. A Carris, dependida, falida, para os accionistas e naturalmente pródiga para os engenheiros-directores e para o restante pessoal graduado que formam a cauda enorme—e logo passada algumas semanas depois de terminado o conflito foram aumentados os vencimentos em alguns contos mensais, a essa gente laboriosa—e a Carris dependida resolveu encarecer os anuais para 1923, o que umas importantes transigências. Os anualistas, feridos na sua bolsa, ergueram fenomenais protestos, publicaram comunicados, fizeram manifestações, participaram às autoridades que estavam dispostos ir até à violência, porque a letra do contrato deveria ser, por força cumprida; e, de rodado, acordaram às sessões do Senado Municipal, onde a Companhia, a princípio, foi rudemente atacada, mantendo-se os editais na inabalável resolução de não consentirem o agravamento do preço dos anuais.

A Carris, fundamentando-se na reclamação de aumento de vencimento formulada pelos seus empregados menores, insiste na sua e anuncia o passe pela nova tabela; o município, apoiado pelos anualistas, afixa cartazes anunciando a inscrição dos anuais a 100\$000. Severiano não se incomodou com o caso. Em vista da renitência, conseguiu de harmonia com uma comissão que vendeu, empurrar o pessoal da Carris para uma greve que não votara em reu-

nião alguma. A Câmara tergiversa e concede 50\$000 de aumento.

Os anualistas fazem chifrir na Câmara, investindo, como a seu tempo noticiámos, os senadores, supondo-os vendidos. Mas ao fim, depois de tanta campainha, tanto escândalo, tanto chavirar, o primeiro acto da farça termina por esta conclusão: os anualistas pagariam 150\$000 até ao fim deste mês e depois... pagariam os restantes 40\$000 se o tribunal arbitral assim o entender... porque ele assim há de entender. São todos valores entendidos.

Por sua vez, os empregados da Carris, reparando na figura que fizeram, resolveram transformar a sua greve contra a Câmara numa greve contra a Companhia, imprimindo-lhe não só um carácter económico, mas também um carácter moral. Infelizmente, devido à energia fraquíssima, à pouca educação da classe, esta deixou-se ludibriar com promessas e com os 150\$000 contados nos ordenados, que foi o prêmio do sacrifício grevista contra o município e contra o público...

E dizemos contra o público, porque fôz já o sabíamos, que chegados ao meio do ano, uma vez triunfante a Companhia, os preços das tarifas avulsas iam ser agravados. Uma coisa implicaria a outra. Não é porque sejamos sortilheiros, muito entendidos em matéria de orxarias; mas é que os antecedentes tiram os consequentes... Logo... Logo, pois, ai temos os maneios en-

cobertos da Carris de colaboração com a Câmara Municipal, o que significa que as duas entidades se compreendem maravilhosamente, o que significa que as duas, quando se zangam, é por um motivo de teatralização, de fingimento, de ludíbrio, para *comer as papas na cabeça* dos palparvos desprezados. Outra coisa não traduziu toda a enxada acima descrita e que oportunamente com mais largueza desenvolvemos.

Vamos, portanto, ver aumentados os preços das passagens avulsas dos carros eléctricos sujos, avariados e sem conforto; vamos, portanto, ter nova extorsão com o encurtamento, com a alteração das zonas.

Para aumentar ao pessoal da Carris não é, com certeza, para melhorar o péssimo material severiano, ainda muito menos, pois apesar das constantes concessões arrepanhadas, o serviço da Companhia, senão, pior, está, pelo menos, na mesma.

Como da viação eléctrica se aproveitava grande número de operários que veem dos arredores exercer a sua profissão na cidade, não podemos deixar de erguer o nosso protesto contra esta nova roubafeira, que vem trazer mais um chorudo benefício para uma Companhia que, mereço do seu exército de afilhados, não dá ainda o competente dividendo aos seus accionistas. Está, a despeito das escamoteações consecutivas, falida, talvez... artificialmente... Seja tudo em louvor da estupidez pública, que tudo permite...

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Conselho Federal. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, este Conselho, para apreciar e resolver assuntos de grande importância.

Núcleo de Lisboa. — Secção do Beato e Olivais. — Reuniram os jovens sindicalistas desta secção, que, depois de terem aprovado questões de interesse, resolveram saudar as camaradas mobilizadoras que ainda se encontram em greve.

Núcleo do Porto. — Todos os que possuem listas de auxílio às vítimas do lamentável desastre ocorrido no edifício da C. G. T. devem entregá-las com brevidade na sede.

Reunem no próximo sábado na sede os sócios de todas as secções para discutirem um assunto de interesse para a organização juvenil, apreciar a actuação dum sócio e preencher os cargos vagos da comissão administrativa.

Secção Mobilizadora. — Reuniu, tendo eliminado o filiado Joaquim de Almeida Pereira, pelo facto de ter traído um movimento grevista e ter praticado vários actos condenáveis.

Reunem hoje os membros da comissão conjuntamente com os delegados ao Núcleo Central. A reunião efectua-se na sede, rua da Boavista, 327-2.

Comissão Administrativa da Sede. — Reúne hoje, pelas 21 horas, pedindo-se a comparencia de todos os delegados e do 2.º secretário.

COLISEU dos RECREIOS

HOJE — A's 21,30 (9,30) — HOJE
Grandioso sarau de "box"
promovido pela
Federação Portuguesa de "Box"

Grande combate internacional
entre os amadores
ABEL DA SILVA e SOPHORES
Campeão de Portugal, Campeão francês

6 "rounds" de 2 minutos
Gilberto Fernandes
contra
C. Castro

Paulo Moraes contra Costeira
Faustino Rodrigues
contra
J. Barceló

Francisco Brito contra João
Coruche
F. Barceló contra Aragão
Andrade

Oscar da Silva — Manuel Vasques
Silva Rulvo — S. Alves da Silva

NACIONAL TELEFONE N. 3049
— HOJE —
Ultima revista da temporada
com a encantadora peça
O Centenário

Teatro Maria Vitória
FEIRA AVENIDA PARQUE
Amanhã, sábado, definitivamente
Duas sessões ás 8 1/2 e 10 1/2 da noite
PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO
da fantástica revista, em 2 actos e 11 quadros,
original de Ernesto Rodrigues, Félix
Bermudez, João Bastos e Henrique
Roldão, musica de Alves Coelho
LUA NOVA!
Scenários todos novos, de Salvador & Melguito, Eduardo Reis, Filho, José de Almeida, Barbosa Rodrigues, Campos & Oliveira e Carlos Moura. — Guarda-roupa do professor Castelo Branco. — Misescenes do actor José Climaco. — 14 coristas
Os bilhetes marcados devem ser retirados até ás 2 horas da tarde de hoje

Colisen dos Recreios
AMANHÃ
Sábado, 1 de Julho
O magnifico e sensacional film
DANTON
Hoje não há espectáculo
animatográfico para ter
lugar um sarau desportivo.

Teatro Chiado Terrasse
Rua António Maria Cardoso
(ao Chiado) — Telef. C. 2648
Empresa A INTERNACIONAL
Gerente: A. Emauz
Apresentação dos
5 números novos
com que foi ampliada
a célebre revista
TIRO AO ALVO!
e que tanto sucesso alcançaram ontem

res do proletariado sindicalista e libertário de Espanha, escusado será dizer que o comício se revestiu dum cunho de elevação grandioso.
As ideias sindicais rasgadamente libertárias, que orientam o proletariado espanhol organizado saíram engrandecidas da Conferência e foram plenamente, gloriosamente, vitoriosas no importante comício de encerramento.
O proletariado espanhol, a despeito da trágica repressão que sofreu, afirma-se assim, pujantemente, em face do capitalismo e do Estado, que pretendem jugulá-lo sem resultado.
Honra lhe seja! E avante!

Arsenal da Marinha
O trabalho de reparação nas caldeiras do rebocador *Berrio* será executado à tarefa e é computado em 31.382\$22.
Os operários electuários o trabalho, vencendo como usualmente a sua feição, findo ele, receberam metade da diferença entre o valor total daquela importância e a soma dos vencimentos já recebidos.
Depois das caldeiras experimentadas com bom resultado, receberam a outra metade.

Comissão Central, pró-Alexandre Vieira e Alfredo Marques
Reúne hoje esta comissão, ás 21 horas em ponto, sendo indispensável a presença de todos os seus membros, que deverão vir munidos de todas as listas que tenham em seu poder afim de se regularizarem as respectivas contas.

Grupo Solidariedade Comunista. — A convite de um grupo de sócios, este grupo reúne em assembleia geral amanhã, pelas 21 horas.
Ordem dos trabalhos: Adrencia do grupo ao Partido Comunista e eleição de um delegado ao Conselho Central do mesmo.

AS GREVES

Operários mobiliários
NOTA DO COMITÉ
Camaradas: Após tantas semanas de luta, parece que todos os sacrificios expostos vão em breve ser coroados pela bem merecida vitória.

Ainda somos nós quem, neste momento, melhor pode invocar a forma como desde o início temos procurado levar a bom termo esta luta a bem de todos os interessados.

Se não fôra a má vontade de algumas criaturas a manejar a fraqueza de muitas outras, não teríamos agora que constatar o caos a que tudo isto chegou, caos do qual somos ainda nós, os operários, quem melhor se salva. Mas quem quer que agora arcar com as responsabilidades da situação precária em que se debatem os pequenos industriais?

Aqueles que os arrastaram, aproveitando a relativa má fé que eles contem, levando-os às portas da ruína, só pelo capricho de não aceitarem uma pretensão justa dos assalariados, tem procurado salvar-se.

Como ao menos todos aproveitem a dura lição e se vão convencendo de que fomos nós, apesar de adversários que somos, quem sempre lhes falou a linguagem da verdade.

Que ponderem, e verão que não mentimos quando afirmámos que a conflituosa e malfielha "patronal" não solucionaria o conflito, mas sim daria lugar a um proveito em seu benefício exclusivo.

Vejam ainda como vão procedendo os seus mentores, verdadeiros campeões da mentira! Anteriormente, o sr. António Ribeiro, de rua da Rosa, vice-presidente da "patronal" comprou ao industrial José da Silva Guimarães, da travessa de Santa Marta, que não é confederado, uma habitação de casa de jantar.

E assim que a estas criaturas não importam os prejuizos dos outros, visto que se vão governando.

Mais alguns patões, porém, se vão chegando à razão. Hoje fomos dados comunicar uma adesão importante: Ontem o lojista sr. Marques Silva enviou ao nosso Sindicato uma comissão do seu pessoal a comunicar-nos que resolveva desligar-se dos seus colegas e aceitar as nossas reclamações.

Ainda bem! Embora um tanto tarde, é tempo de todos porem termo a caprichos e darem simplesmente ouvidos à razão.

Operários do mobiliário: Em presença do princípio do fim da nossa luta, lembra-vos mais uma vez o vosso comício e é necessário manter ainda a linha de serenidade que até hoje tendes mantido e sabei demonstrar, após a vitória, que não desmereceis do conceito de conscientes em que sois tidos.

Assim, todos vós sabereis voltar às oficinas dispostos a manter aquela moral que vos habilita a defender as vossas mais caras aspirações.

Este comício indica, pois, ao pessoal da casa Marques Silva que volte ao trabalho e tenha em consideração a orientação que o Sindicato tantas vezes lhe tem designado.

Que todos vão cumprindo com os seus deveres de lutadores, que a vitória se aproxima!

O Comité Central
A assembleia que devia efectuar-se hoje, passa a realizar-se amanhã, ás 18 horas, a fim de que todos os operários do mobiliário possam comparecer à reunião, que hoje se realiza na sede da C. G. T. para apreciar a situação difícil que atravessa o nosso paladino na imprensa *A Batalha*.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil
— Comissão administrativa. — Na reunião ante-ontem realizada tomou conhecimento do expediente a que deu o devido despacho. Entre este contava-se um ofício do Sindicato de Chaves ainda sobre a greve que a classe de pedreiros vem mantendo há 7 semanas.

Sobre o conteúdo deste ofício usaram da palavra os camaradas presentes, após o que foi aprovado por unanimidade satisfazer o pedido deste Sindicato.

Por último resolveu que após ser presente em reunião o parecer da comissão revisora de contas da antiga gerência, se reúna extraordinariamente para tomar conhecimento das contas de Março a Junho do corrente ano, as quais serão depois submetidas à sanção do Conselho Federal para que o mesmo as aprecie e faça a nomeação duma comissão encarregada de as rever.

Carruageiros. — Reuniu ante-ontem a assembleia geral deste sindicato, tendo resolvido contribuir com 50 centavos por mês e por sócio para auxílio do jornal *A Batalha*, tendo sido aprovado aderir ao Congresso Nacional Operário, devendo os delegados ser nomeados na próxima assembleia. A comissão administrativa previne todos os sócios que a partir da primeira semana de Agosto em diante passa a ser de 20 centavos. O próximo número do *Carruageiro* sai na primeira semana de Julho.

Sindicato U. C. Civil. — Realizou-se a assembleia geral na passada quarta-feira, para apreciar vários assuntos. Entre estes, foi lido o extrato das declarações feitas pelo camarada Marcelino da Silva na reunião de direcções com a U. C. O., a quando do movimento da Carris. Pela sua leitura se verificou que tudo quanto versava de

acusatório contra este camarada era falso, estando pois liberto de toda e qualquer responsabilidade. Encontrava-se presente o camarada António da Silva, que no período da greve fazia parte do mesmo pessoal, e que foi quem accusou os camaradas Marcelino da Silva e Alfredo Lopes como únicos responsáveis pela perda do movimento, que depois de dizer algo de sua justiça e de ouvir as declarações feitas por dois militantes, se deu por satisfeito, dizendo que na altura em que os casos se passaram tinha ficado um pouco mais impressionado, e principalmente com o artigo escrito no *Construtor* por Alfredo Lopes, terminando, pois, este assunto com honra para estes dois militantes.

Devido ao adiantado da hora ficaram rendentes para a próxima assembleia, que deve ter lugar na próxima quarta-feira, 5, os 3.º e 4.º pontos da ordem dos trabalhos: situação financeira do sindicato e um ofício da Secção Profissional dos Estudantes.

Barbeiros. — Reuniram em assembleia geral para ultimarem de trabalhos pendentes de anteriores assembleias finalizando pela nomeação duma Comissão Administrativa, que se compõe: secretário geral, Afonso Albuquerque; secretário adjunto, António Simões; tesoureiro, José Primavera; vogais, Jaime Reisinho e António Nunes.

A comissão ao tomar posse deliberou saudar *A Batalha*.

CONVOCAÇÕES
Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles. — Reúne hoje novamente a comissão administrativa para se occupar de assuntos referentes ao congresso corporativo, com a comparencia do thesoureiro. — Em virtude

tenham ido render-lhe homenagem, beijando a sua branca mão de formosa aventureira.

XI
No dia seguinte foi à caça com D. Rafael e Victório. Visitou os pitorescos contornos da povoação, regressando a tarde fatigada e alegre.

Na manhã do outro dia, cedo, enquanto o párcos dizia missa, foi de carruagem a aldeia de R... onde a esperava D. Pascoal para pôr-se às suas ordens.

Ele fez-lhe visitar a pequena igreja, preparada como se fosse para festa, a quinta e a casa.

Violeta observava tudo e quando estavam no quarto, em que ela tinha descansado dois dias antes, perguntou-lhe com ar piadoso:

— Mas, reverendo, que faz você duma cama tão grande? Naquelle momento passava, em frente da janela, Luisa, a criada, uma simpática moçoila, de uns 16 anos, que havia dois meses o padre trouxera da cidade.

— Já compreendo — ajuntou Violeta, — a criada não é nada má! — Não, senhora, não — respondeu o cura confundido.

Teatros

Noticias

A gentil actriz Amélia Perry, do teatro Maria Vitória, e que, há dias, foi vítima dum desastre, encontra-se um pouco melhor, fazendo todos os esforços para interpretar os papeis que lhe foram distribuídos, na nova revista *Lua Nova*.

— A revista que, em breve, vai ser representada no teatro Salão Foz, pela Companhia Otelio de Carvalho, intitula-se *Boas Festas*. Naquelle teatro o actor Alberto Ghira já assumiu as funções de director de scena, tendo-lhe sido confiado o *campere* da nova revista. Também já se apresentou ali o maestro Antonio Lopes.

— No novo teatro Maria Vitória, do Avenida Parque, além doudras manifestações artísticas, há a que se apresenta no pano de boca, de autoria do novel e talentoso scenógrafo Baltazar Rodrigues. Reprodz esse pano, imitando um Gobelins, uma scena do *Auto Pastoril*, de Gil Vicente.

— Foi adiada para a semana, no Teatro de S. Luís, a "première" da peça de André Brun. A revista do *Praxedes*, que tem musica original e coordenada, do maestro Vasco de Macedo.

Nessa peça, cuja aparição está sendo aguardada com o maior interesse, há um quadro passado numa aldeia do Minho, e reproduzindo o característico *Muro do Derrete*, aonde os namorados dão as suas entrevistas. O 15.º quadro de *A revista do Praxedes* dá-nos o aspecto duma ceifa no Alentejo, com todo o colorido e animação que costumam acompanhar esses trabalhos.

— Finda hoje a temporada, no Nacional, representando-se, portanto, pela derradeira vez, a lindíssima comédia *O Centenário*.

Não falte, pois, ao elegante teatro quem quizer passar uma noite divertidíssima, admirando uma das mais delicadas e interessantes obras dos irmãos Quinteiro.

Reclames
A lindíssima revista *Tiro ao Alvo* no Teatro Chiado Terrasse, fez ontem, nas sessões da moda, 72 representações, o que representa 72 encheites. Realmente a revista *Tiro ao Alvo*, é digna de ser admirada pelo seu belo conjunto de interpretação, rico guarda-roupa, lindas

tude do pequeno número, não se realizou a assembleia no dia 27 do corrente, ficando transferida para o dia 2 de julho, ás 10 horas.

S. U. da C. Civil. — Secção Profissional dos Pedreiros. — Reunem hoje os camaradas que fazem parte da comissão de auxílio aos 4 camaradas doentes, assim como todos aqueles que tenham bilhetes ou dinheiro devem hoje entregá-lo a esta comissão.

Caixeiros de Lisboa. — Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a continuação da assembleia geral extraordinária para apreciar as circulares da C. G. T., nomear delegados ao U. C. O., ao Congresso Operário da Covilhã e ao Congresso Corporativo a realizar em Tomar, e eleger cargos vagos na Direcção.

S. P. Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional. — *Corpos gerentes.* — Reunem hoje, ás 20 horas, a pedido da comissão de redacção de *O Eco do Arsenal*.

Classes que reclamam
Reuniu em assembleia geral, resolvendo:

1.º manter e defender as reclamações apresentadas aos governos pela Comissão Central dos Funcionários e Assalariados do Estado;

2.º Promover uma reunião magna de todos os funcionários e assalariados do Estado, onde seja apreciada conjuntamente uma representação ao parlamento, contendo as reclamações apresentadas aos poderes públicos.

Manipuladores de Pão
Deliberaram protestar contra a existência das balanças e elaborar nesse sentido uma representação ao parlamento.

Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional
A Comissão de Melhoramentos deste sindicato, procurou ante-ontem avistar-se com o sr. ministro da Marinha no intuito de se informar do que há resol-

ditíssimos scenários e todos os seus quadros estão recheados de ditos de espírito e graça, especialmente os novos estreitados há dias.

— Continuum estando concorridísimos os espectáculos do Apolo, aonde a maravilhosa fantasia *A Vida*, marca o maior êxito da actualidade. É a peça mais apertada, de quantas estão, agora, em scena, recomendando-se, também, pela sua vivacidade, linda musica, esplêndido desempenho e brilhante guarda-roupa.

— Está dando as últimas representações no Teatro Avenida, a aplaudida e engraçada comédia *O Conde Barão*. Para a próxima semana, *O Papão*, comédia cheia de situações cómicas, na qual Chaby tem um soberbo trabalho.

— As atenções do público convergem, amanhã, muito naturalmente para o novo teatro Maria Vitória, que se inaugura na feira do Avenida Parque. A nova casa de espectáculos obteve a maior comodidade para o público, e é muito vasta, permitindo a sua disposição que o espectáculo possa ser apreciado de qualquer lugar.

A abertura do teatro faz-se com a "première" da revista em 2 actos e 11 quadros, *Lua Nova*, que é original dos festejadíssimos escritores Ernesto Rodrigues, Félix Bermudez, João Bastos e Henrique Roldão, e que tem musica original e coordenada do maestro Alves Coelho. A *Lua Nova* exhibe-se com todo o brilhantismo, apresentando a sua encenação as mais recentes novidades de Paris e Londres; o guarda-roupa foi confeccionado sob a direcção de Castelo Branco e apresenta verdadeiras novidades, e os scenários, nas apoteoses transformáveis, são de Salvador & Melguito, cabendo a responsabilidade dos outros a Eduardo Reis Júnior, José de Almeida, Baltazar Rodrigues e Carlos Moura, estes dois últimos estreantes no "metier". Com toda a intelligência e boa vontade foi o actor José Climaco quem ensaiou a peça, que apresenta variadas e complicadas marcações, sendo os quadros da *Lua Nova* assim intitulados:

1.º. O Centenário do Pírrito; 2.º. A revolução; 3.º. Nam abrir e fechar de olhos; 4.º. Alraz de tempo...; 5.º. Tempo vem; 6.º. Em quatro tempos (apoteose); 7.º. Nem tudo que luz é ouro; 8.º. Carne e rendas; 9.º. A ultima moda; 10.º. Amor a quanto obrigas; 11.º. Lua Nova (apoteose).

Nota acerca da reclamação há tempos formulada sobre melhoria de vencimentos; pretendem também informar-se sobre uma local publicada num jornal da manhã em que se atribua ao referido ministro declarações que contrariam a referida reclamação.

Na impossibilidade de se avistarem com o ministro, foi esta comissão recebida pelo chefe do gabinete, o qual por sua vez lhe transmitiu os propósitos desta comissão, marcando sua ex.ª para este fim uma audiência para amanhã.

Propaganda sindical

Na associação dos Trabalhadores Rurais de Ervidal
ERVIDAL, 24. — Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda na qual tomou parte um delegado da Federação Rural.

Este camarada demonstra aos presentes as vantagens da organização operária, atacando a chamada Confederação Patronal, e fazendo ver à assembleia que aquella associação não é mais nem menos que uma associação de malfetores, andando muito habilmente a estender as suas garras aducnas pela provincia. Mas a organização operária saberá impôr-se duma maneira enérgica a todas as artimanhas desse bando de sciorais. E para destruir a sua obra basta o nosso órgão na imprensa, que bastante tem elucidado o país sobre a acção da Confederação Patronal.

Em seguida fez ver qual a situação de *A Batalha* e o papel que tem desempenhado perante toda a organização, confrontando a imprensa burguesa com a imprensa operária, pois que neste momento alguns jornais burgueses acabam de confessar ter recebido alguns contos de reis para não criticarem a exposição do Rio de Janeiro, naturalmente aonde o dinheiro do povo vai ser gasto a larga sem utilidade para o mesmo povo.

Por fim foi resolvido auxiliar *A Batalha*, indo mesmo além da conta de 200\$. Terminou a sessão com grande entusiasmo, tendo os camaradas presentes acompanhado o delegado até à saída da localidade, pois que este se dirigia para Sta.ª Vitória.

—E que haveria de mal nisso! — fitou os seus olhos nos olhos negros dele, obrigando-o a baixá-los.

O sacerdote sentia em si qual-quer coisa de estranho. Verdadeiro touro, dominado de mulheres fortes e robustas que sugentava ao pôr sobre elas o seu punho de atleta, acostumado com as rústicas montanhas de mãos quei- madás, gretadas e calosas, de seios fortes, de cintura robusta e ancas enormes, cujo único perfume era o azeite com que lus- travam os seus cabelos, o hábito a cebola e alho que constituem o manjar diário e o suor forte, produzido pelos trabalhos pesados, repelo pouco asseio; sentia-se fraco, nulo, ante aquela mulher tam ruiva, tam fina, tam pertumada, luxuosa, elegante, de palavra fácil, de riso argentino que se ria dele, da sua cabeça gadelhuda e negra, ela que tinha visto Londres, New-York, Paris, Berlim, Roma e que na sua vida de cortês do grande mundo, tinha visto a seus pés os grandes da terra.

Sentia por ela o desejo da besta, da besta inferior. Teria dado anos da sua vida para poder conquistá-la, para saborear o beijo daquela mulher que para ele era

tam grande como uma princesa e cujos amores deviam ser como os duma rainha.

Violeta tinha lido nelle desde o primeiro momento o seu desejo, e por um capricho de aventureira, quiz jogar com aquella paixão para obter o que pretendia.

Deu uma volta pelo quarto e deixou-se cair numa ampla poltrona, brincando com o legue e a ponta do pé, que impertinente saia como que ostentando a sua pequenez, de baixo do vestido.

— Venha cá — disse ella com o arde senhora.

O sacerdote aproximou-se ficando de pé perante ella, corado, com um olhar que despedia relâmpagos de desejos, e trêmulos como uma criança.

— Disse-lhe ontem que necessitava que me prestasse um serviço.

— A senhora ordena.

—E porque treme tanto? Tem medo de mim?

— Ah! minha senhora, não sei o que tenho... a emoção... a senhora é tam bela!

— Ah! ah! sou bela... tantos me tem dito... porque olha você a minha mão?... agrada-lhe? agrada-lhe os aneis?

(Continua)

Francisco Gicca

JUSTIÇA SACERDOTAL

Saiu à rua quando a procissão voltava e ficou admirada da devoção de todas aquellas mulheres, daqueles homens tam primitivos na sua adoração fanática pelo idolo.

Acitou entrar na igreja para assistir à parte mais importante da procissão: a adoração à Virgem.

Sentada na sua cadeira próximo do altar, ao lado da porta da sacristia, por onde lhe chegava o fresco do jardim, viu D. Rafael collocar-se à entrada do templo, enquanto a procissão esperava ajoelhada no meio da praça. A dois e dois, conforme os collocava D. Pascoal, viu vir primeiro as meninas vestidas de branco, depois as mulheres e por fim os homens arrastando-se de joelhos, beijando o chão, fazendo cruzes na terra, alguns com os braços em cruz, outros difficilmente avançando apoiados nos joelhos e nos cotovelos até chegar ao idolo, a

Virgem milagrosa que lhes tinha dado a chuva, ao mesmo tempo que repetiam o monótono clamor: a Virgem fez o milagre.

Quando entraram todos, ella não quiz ficar na igreja, incomodava-a o cheiro a suor dos montanhesez que se apinhavam no templo; do caramanchão, no jardim, onde fôra sentar-se, ouviu os gritos de D. Pascoal que pregava que não se esquecessem da Virgem, que lhes tinha mandado a chuva, acedendo ao pedido humilde de arrependimento que lhe tinham feito na anterior procissão.

Foi breve. Sentia o desejo de voltar para junto da magnifica ruiva, tam elegante, tam perfumada e tam provocante.

Quando os dois sacerdotes se aproximaram, ella, que tinha mandado trocar algumas liras, sentando-se numa poltrona disse a D. Pascoal: — Chame as crianças, quero dar-lhes uns centavos.

E assim fôram passando as meninas vestidas de branco, e depois os rapazes que, animados pelo exemplo e pelo desejo de receber os cinco centavos, chegavam

entretanto D. Rafael perguntava-lhe como lhe parecia a procissão.

— Oh! — respondeu ella — vi muita gente... mas nenhum homem.

O cura não compreendeu a alusão. Entretanto D. Pascoal chamou as pequenitas, dispondo-as em fileira.

— Vão uma por uma àquella senhora — disse-lhes — que lhes vai dar uma coisa... Cuidado, ouvi-ram? Saudem com uma reverência e beijem-lhe a mão.

A primeira aproximou-se trêmula, olhando-a admirada, enquanto as outras diziam consigo mesmas: Que formosa senhora, parece-se com a Virgem!

— Vem cá — disse-lhe Violeta — e deu à pequena cinco centavos. Esta balbuciou um agradecimento e beijou-lhe a mão.

A formosa aventureira agradou a manifestação e tirou a luva estendendo a sua mão branca, cheia de aneis riquíssimos, a outra pequenita, para lhe dar os seus cinco centavos.

E assim fôram passando as meninas vestidas de branco, e depois os rapazes que, animados pelo exemplo e pelo desejo de receber os cinco centavos, chegavam

até ella e murmuravam um agradecimento, beijando a mão branca e perfumada de Violeta, que se sentia satisfeita com aquele obsequio de lábios infantis e ingênuos, ella, que tinha arruinado em poucos anos vários amantes e que tinha visto a seus pés homens bonitos e ricos suplicar-lhe amor. O beijo daqueles innocentes tinha, para ella, o alago do respeito que na cidade não podia comprar nem a peso de ouro, quando as senhoras cruzavam nos seus trens com a sua carruagem nas ruas da cidade, olhando a com desprêzo, se bem que horas depois pudessem vingar-se impondo os seus caprichos aos esposos ou irmãos das mesmas, apaixonados por ella.

Rece

"A BATALHA" NO PORTO

Ainda e sempre a questão das classes têxteis — As proezas do presidente da associação «amarela»

Alguém supoz que tínhamos posto de parte a campanha iniciada contra os verducos que maltratam e oprimem as laboriosas e exploradíssimas classes têxteis. Os mestres carrações, de falta de verdadeira competência técnica, se entretêm a desempenhar as funções de polícias internos para se insinuarem nas simpatias patronais e não perderem o seu lugar conquistado à custa de severos e repugnantes esfregamentos, e pouco a pouco de conteúdo, spondo-se agora à vontade. Mas não. Nós não podemos desviar as atenções deste assunto, já porque nas fábricas têxteis ainda não terminou a ignominiosa tirania, já porque as numerosas queixas nos continuam chegando, e às quais temos de dar o devido despacho... da publicidade...

No ler da crítica prolifera ainda continua hoje a fábrica Flação e Tecidos. Como já dissemos no seu respectivo tempo, o patrão Júlio Pinto de Sousa, sabidamente acolitado pelos seus encarregados, odiados, intimamente, por toda a classe têxtil, declarou-se em greve contra o seu pessoal escravizado, por este, falhando à premeditada manobra, se recusar a trabalhar mais uma hora além do horário legal, embora o industrial, pretendendo caçar moscas, dissesse que era para descontar o feriado do dia de S. João. E para provar a pena que nutria pelos seus explorados, caídos na miséria, que não lhes chegavam os seus dias de trabalho exaustivo e mal pago, ainda muito menos lhes chegaria o salário, fechou, caprichosamente, inchado pela ruína, empavezado no seu poderio de despota capitalista, a fábrica por toda a semana, porque o pessoal não se vergou às ditamembres cantadas das falanxas hipocritas...

Os lock-outados, em presença da violência, dirigiram-se para o seu sindicato para tratar do extranho assunto, resolução esta que incomodou o excelso patrãozinho e seus oficiais ajudantes, pois, como é natural, ninguém sente tanta aversão pela organização operária como os industriais têxteis — pela simples e clara razão — de que os operários, de ambos os sexos, da indústria têxtil são os mais roubados, mais perseguidos, mais vilipendiados, mais desgraçados, mais miseráveis, moral e materialmente falando, do que os das outras classes, porque estes, mais ou menos, vão lutando pelo seu bem estar, com maior ou menor espírito de combatividade. É certo que as classes têxteis tem patinistas de liquidadores.

O partido socialista e os "arrivistas"

Enviaram-nos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

LISBOA, 28 de Junho de 1922.

A' Comissão Administrativa do Centro Socialista de Lisboa.

Companheiros: O congresso partidário que acaba de se realizar em Tomar, na terra onde — suprema ironia — o P. S. P. fora constituído tal como éle até agora se encontrava, representou a consecução da mais completa vitória da classe dos intuítos com que, de há tempos a esta parte, uma certa classe de arrivistas, aventureiros políticos, auxiliares indirectos ou talvez mesmo directos (quem sabe?) da burguesia, se vinha apoderando passo a passo desse mesmo partido.

No momento actual, em que o regime capitalista sente que os alicerces do seu velho edifício vão ruindo abalados pela acção corrosiva de resaca revolucionária à qual elle procura inutilmente opôr uma barragem, no momento em que o *mot-d'ordre* da todos aqueles, *amens* e partidos que sinceramente desejam a abolição do Estado em todas as suas formas históricas e o estabelecimento da República Social, se pode ser o de «revolução à todo o transe», e que se pretende roubar — o termo — o P. S. P. as suas características de partido revolucionário baseado na luta de classes, e por consequência oposto a todos os partidos de origem burguesa, para fazer d'ele um partido de Estado pequeno-burguês.

Não é necessário que se possua uma inteligência privilegiada para verificar que foi esta a resultante única do congresso-burra de Tomar: basta que se veja a satisfação com que os *sol-d'ant* socialistas receberam as suas resoluções e o interesse com que alguns membros dos outros partidos burgueses se aproximam do P. S. P.

Tempos para breve nova fornada de ministros «socialistas»: A Junta Consultiva — todos nós sabemos muito bem

como tudo isso se arranja — lhes saberá preparar uma razão explicativa sob o pretexto da necessária defesa da república e da nacionalidade — ainda não dizem pátria porque tem um certo receio de se desmascararem. A questão é que lá os queiram.

Se, quando o regulamento partidário, taxativamente, pelo seu art. 65.º, proíbe essa comparticipação nos governos burgueses, alguns organismos de direcção partidária — que não o partido — por três vezes o transgrediram, com muito mais facilidade poderão esses elementos que bem se irmanam com os socialistas-burgueses dos outros países, alingar os seus desígnios, agora que esta táctica de colaboração de classes foi admitida pelo mesmo em princípio. Pois se até já se chega a afirmar que «a Revolução Social se fará por intermédio dos parlamentos e dos ministérios»...

O Congresso de Tomar deu, pois, ao que os neo-socialistas modificassem estruturalmente o P. S. P. Ele mesmo anulando o art. 65.º — porque de facto anulou-o — fez enveredar o partido para a direita, pela estrada da contra-revolução. O Congresso de Tomar, constituído por delegados que, na sua maioria, não representavam o sentir das agremiações que os nomearam, ou por intermédio das quais foram introduzidos no mesmo Congresso, agrupações que, por vezes, só existem de nome ou constituem duplicações de outras existentes, — o Congresso de Tomar, dizia, não podia tomar deliberações tão importantes de táctica partidária, sem que previamente a fizesse estudar e discutir por todo o partido nas suas agremiações. O Congresso de Tomar fez-lo porque estava constituído na sua maioria por esses audaciosos elementos que tem conseguido arrastar o velho partido socialista para o local que ele se encontra. No Congresso de Tomar estavam, é certo, elementos sinceros e cheios de boa vontade que não desejam ver enveredar o partido pela ribeira de conservantismo. Porém esses companheiros que só aspiram

à unidade partidária sem terem em consideração que não pode haver unidade entre elementos de ideias heterogêneas, e que no P. S. P., como em qualquer outro partido não burguês, se ganha a unidade, perdem os princípios para os quais toda a rigidez é pouca, — esses companheiros, pois, dizia, falsearam a sua missão consentindo com o seu silêncio que a obra de destruição do partido fosse levada a cabo.

Porisso o Congresso de Tomar foi um congresso-burra, foi a última machadada nesse antigo tronco que tan altivo se manteve durante largos anos para cair no momento em que mais necessário se tornava.

Morre, Desaparece. A sua semente porém não se perdeu e continuará na sua germinação incessante.

Pena foi que ao lado daquelas fibras que por vezes fizeram emboriar o machado destruidor, não se encontrassem as outras, aquem a inércia deixou vencer.

Esperer até agora que elementos partidários mais em destaque se lançassem à lica na defesa dos princípios revolucionários preconizados no programa do P. S. P. Esperer que o Centro Socialista de Lisboa, de que sou um dos fundadores e onde sempre irmanei com verdadeiros socialistas-revolucionários, se apressasse em fazer ouvir os seus delegados ao congresso para protestar com a veemência que antigamente lhe era peculiar contra esse *roubo* que se faz aos princípios revolucionários do P. S. P.

Esperer que os velhos lutadores, os antigos companheiros daquelle que se chamou Azeito Guecco, e que tanta actividade demonstraram quando com este sofriam as agruras do apostolado, não deixassem vencer pela astúcia daqueles que tem interesse em prolongar o estado de coisas actual e fossem beber na tradição revolucionária do partido e nos escritos quasi proféticos do que foi, não o nosso chefe, mas o nosso mestre e o nosso guia, a energia necessária para

Dai o medo, dai a necessidade dum acção mais forte e dum união mais firme... Aqui há meses, por uma causa insignificantiíssima, foram despedidos sete camaradas só duma vez. Já vêm que os *Saneiros*, os Lins e Jilões estão a provocar tempestade...

E por último, porque isto vai por doses, apresentemos à consideração dos leitores mais estas belcas feinas do presidente da Associação *amarela*.

Um operário qualquer, quando precisa delas, dirige-se-lhe a requisitar uma determinada matéria prima indispensável ao bom desempenho do serviço. Por exemplo: óleo para lubrificar as linhas da máquina. Verificada a necessidade, compete-lhe satisfazer a reclamação, como bom técnico. Mas em vez disso, barafusta impróprios, patacoadas, sandices, afirmando grosseiramente, mal criadamente, que a Companhia não anda a roubar — quando ela todos os dias rouba o suor de dezenas de desgraçados. E faz toda esta macaqueira porque o óleo não seja preciso? Não. Espalhafata, para que se quebre qualquer linha, qualquer correia, ou se esqueça qualquer bronze, a fim de ter ocasião de insultar, de humilhar, de menosprezar e, sobretudo — é esta a principal meta a atingir — multar, sempre sempre continuamente, baseando-se em erros e defeitos de que só ele tem a culpa...

Querem melhor? Ora digam: isto não está a pedir uma reforma teissima, um saneamento radical nas fábricas — roças do indústria têxtil?

Positivamente, positivamente, e compete à classe, homens e mulheres, fazê-lo o mais breve possível...

— Aqui atrazado, referimo-nos ligeiramente à fábrica, *atelier* ou quer que é, que tem o título comercial *A Nova Africana*, da rua 31 de Janeiro, e onde as costureiras tem trabalhado até altas horas da noite, quasi duma enfiada. Verberamos, visto que se trata duma violência e dum atentado às 8 horas de trabalho, o procedimento dos patrões e da mestra, que bastante influe para os seus prolongados, porque ela pouco sente os seus efeitos visto que pouco trabalha nelas.

Os nossos reparos não agradaram nada à directora, sr.ª Idalina, e muito menos ao seu marido, o qual, a acreditar nos informes que possuímos, procurou induzir alguém para nos agredir. As verdades são duras, amargas, mas são verdades.

Cremos que ficamos entendidos. 28 de Junho.

C. V. S.

Transcorrido algum tempo, depois de supor que o sentimento feminil houvesse reconsiderado, recebemos novas queixas, segundo as quais a técnica em questão, não só não se emendou, como se exasperou. Depois de, com modos bruscos, ponce adequados a uma senhora educada como julgamos que seja, procurar descobrir em cada costureira a minha irreverente informadora, que tam atrevidamente quebrou a disciplina que se deve manter para com as superiores, conquanto ríspidas, inexoráveis, hirânicas — em face do insucesso das suas pesquisas, anuncia às suas subordinadas que não de *trabalhar* e cada vez pior...

Quer isto dizer que as não deixam sequer respirar com naturalidade e que os serões ainda mais violentos se tornam. Ainda conforme a comunicação, a profectíssima mestra por vezes vai, com seu marido, até ao restaurante onde se demora até que horas, enquanto as operárias esperam na roça-atelier por que chegue. Só depois é que poderão sair.

Que vá ao restaurante é admissível e nada temos com isso, tanto mais que, *trabalhando*, não pode cozinhar em casa. O que não é desculpável é que se maltrate o pessoal, que se contribua, sendo-se assalariado, para a sua exploração e que não se lhe reconheça o mesmo direito que ele tem de se alimentar a horas. É humano que esses serões de exploração não continuem, pelo menos tam frequenemente, tuberculizando criaturas na flor da juventude.

Ah! Esquecia-nos dizer que o sr. Nunes, que dizem ser o esposo da sr.ª Idalina, afirmara a alguém que se soubera quem nós éramos nós dava um... *tiro*!

E coisa fácil num mundo de patifes, mas essas ameaças não nos fazem calar quando foi preciso erguer a nossa voz. Se lutamos contra uma sociedade, como nós há de intimidar uma só criatura? Melhor seria que indagasse da veracidade das nossas informações e aconselhasse a esposa a ser mais sentimental, mais *cristã*, mais amorosa para com as suas semelhantes, porque ela, pelo facto de ser melhor remunerada, não deixa de ser também explorada. Seguindo esta salutar doutrina, ninguém virá até junto de nós queixar-se. E nós não temos prazer nenhum em criticar ninguém...

Creemos que ficamos entendidos. 28 de Junho.

28 de Junho.

28.º bailar tem que pagar o que for estipulado.

Essa festa teve lugar no S. João, dizendo aquele explorador à boca cheia que todas as despesas haviam sido feitas por sua conta, com seu dinheiro (ganho ilicitamente com o produto dos desgraçados, inconscientes trabalhadores).

Pois aquele senhor, que se chama Joaquim Pereira, teve o arrojo de descontar dos magros salários dos seus trabalhadores e trabalhadores, uma certa quantia, por sua conta e risco contra a vontade dos desgraçados. Disse o explorador que era para ajuda da festa, mas uma trabalhadora entendeu que essa quantia lhe fazia falta, e disse que da sua fêria nada dava. Obteve como resposta que lhe descontaria o que elle entendesse, e que seria despedida da fábrica, o que fez.

O que terá que fazer agora esta mulher?

Continuar a alugar os braços a outros de igual faz, porque nesta localidade são todos da mesma fôrça.

E não há povo trabalhador que se revolte contra este régulo, que o faça mais manso para com os infelizes que lhe alugam os braços?

Esperemos!

Com estas e outras mais que tem sucedido, compreendem agora aqtoas camaradas que é forçoso, e quanto antes, a sua organização sindical, para a qual já estão trabalhando com muita vontade.

Os algarvios hão-de aprender à sua custa e tenho fé que em pouco tempo o proletariado do Algarve há de estar todo organizado. — C.

Santarém

Desastre mortal

Pelas 19,15 horas, acompanhado dos guardas de investigação 2 e 55, deu entrada na morgue um indivíduo que apresentava 18 a 20 anos e que se supõe ser um operário segreiro, de nome António Rodrigues Pedrosa, natural de Olival, Vila Nova de Gaia, por lhe ter sido encontrado, na algeibra, além de tabaco, fósforos, uma carteira com \$850, um contrato com uma companhia de Carros, de Évora, para onde se julga que o infeliz iria trabalhar.

O desditoso operário caiu do comboio à linha, ao quilómetro 07-150, pelas alturas da Ponte Asseca, sofrendo morte instantânea. Apresenta grande ferimento na cabeça, fractura de crânio, e a cara bastante contusa. Amanhã procederão ao reconhecimento da vítima.

Tribunal de Desastres no Trabalho

Ultimamente realizaram-se neste tribunal dois julgamentos, sendo o primeiro processo respeitante ao desastre no trabalho de que foi vítima o sinistrado José Nunes Ribeiro, carpinteiro, ao serviço do patrão Joaquim José Martins, ambo de Almeida: o segundo processo relativo ao desastre que vitimou o menor Francisco Vitorino, ao serviço da Estação Zootécnica Nacional, dependente do ministério de Agricultura, e que sofreu morte instantânea proveniente da cornada de um touro reprodutor, de que era tratador.

Ambos os processos foram julgados procedentes e provados, sendo o patrão Joaquim José Martins condenado na indemnização legal por todo o tempo da incapacidade de trabalho do dito operário José Nunes Ribeiro, além das despesas do tratamento; quanto ao segundo processo foi condenado o Estado a pagar a pensão legal ao menor Manuel Vitorino irmão do sinistrado Francisco Vitorino, que tinha a seu cargo a alimentação de aqtoas. Ambas as decisões foram justas e bem aceites pela auditoria. — C.

ÚNICOS!!!

Os fabricantes Donas da Covilhã são os únicos com depósitos itaia cidade e Porto, onde todos podem escolher fazendas para fatos e vestidos à vista dos artigos, evitando o incomodo de pedir amostras, e muitas vezes sujeitarem-se a decepções. Acabam de receber novas remessas de estambres e gabaribines, e ditas impermeáveis.

NOTA.—Para os que não podem ir àquele depósito tem um serviço especial de amostras ao domicílio, basta requisitá-las, naquelle grande depósito, rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

ACABA DE APARECER

Por terras d'além mar

(Viagens na America)

FARIA DE VASCONCELOS

relata-nos numa linguagem clara, as grandezas do engenho humano, as riquezas naturais, lendas e ruínas, costumes selvagens, etc

Preço \$300 Pelo correio \$325

Pedidos à administração de

A BATALHA

"A CULTURA DA VIDA"

Acaba de aparecer esta revista naturalista em substituição de *A Vida Natural*.

Preço \$50 — Pelo correio \$55

COMPRO

Móveis velhos e escangalhados, assim como me encarrego de restaurar mobiliário e de todos os trabalhos de carpintaria, etc. Escrevam postal para Joaquim Cardoso, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º

A's senhoras

Modista devidamente habilitada confecciona chapéus para senhoras a preços convidativos. Travessa dos Fiéis de Deus, 81, 2.º

Em Ponte do Lima

ALIMIANA

JOÃO VARELA & C.ª

Informações comerciais sobre qualquer praça do país — Agência Fiscal e Procuradoria de Contribuintes — Representações e investigações. Aceitam-se agentes em todas as terras onde os não haja.

Um pouco de tudo para todos!

CALENDÁRIO DE JUNHO

| D. | 4 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|--------------------|
| S. | 5 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 5,15 |
| T. | 6 | 13 | 20 | 27 | Desaparece às 20,5 |
| Q. | 7 | 14 | 21 | 28 | FASES DA LUA |
| Q. | 1 | 8 | 15 | 22 | L. C. 9 15,58 |
| S. | 2 | 9 | 16 | 23 | Q. M. 17 12,03 |
| S. | 3 | 10 | 17 | 24 | L. N. 25 4,20 |

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 6,35 e às 19,01
Baixamar às 0,00 e às 12,05

CARREIRAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Soárez) para Casilhas, às 6, 8-50, 7-40, 8-30, 9-20, 10-10, 11-30, 12-30, 13-30, 14-20, 15-10, 16-30, 17-40, 18-30, 19-30. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-55.

De Casilhas para Lisboa, às 6-25, 7-15, 8-05, 8-55, 9-45, 10-35, 11-25, 12-15, 13-05, 14-15, 15-35, 16-25, 17-15, 18-05, 18-55, 19-45. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20-55.

De Lisboa (T. Paço) para o Seixal, às 8-00, 10-30, 13-40, 15-30.

De Seixal para Lisboa, às 6-30, 9-00, 12-30, 16-30.

De Lisboa (T. Paço) para o Barreiro, às 8-00 (a), 8-30 (b), 8-50 (c), 11-40 (d), 14-45, 17-45 (e), 19-30 (f) e 20-50.

De Barreiro para Lisboa, às 6-30, 8-30, 9-25, 11-40, 15-15, 17-10, 18-30 e 20-30 (d) e 22-10.

(a) Só aos domingos, 2.ª feiras, feriados e dias seguintes aos feriados. (b) Só aos dias úteis. (c) Liga com Alameda e Setúbal.

(d) Só aos domingos e feriados.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Navios a sair

| Navios | DIAS | DESTINOS |
|-------------|-------|---|
| Dario | 30 | Vigo e Liverpool |
| Antinea | 30 | Rouen |
| Ar | 1 | Nantes e Bordenes |
| Santo Antão | 1 | Funchal, Las Palmas, S. Vicente e Afr. Ocidental |
| Lutetia | 2 | Bordos |
| Amatonga | 2 | Natal, Lourenço Marques e Beira |
| Asia | 3 | Presidência e New York |
| Sultan | 5 | Tenerife, Las Palmas, Lobito, Mossamedes, Natal, Lourenço Marques |
| Jean Stevan | 4 | Rouen e Dunkerque |
| Funchal | 5 | Méideira e Açores |
| Sarthe | 5 | Portos do Brasil |
| Koering | 6 | Glasgow |
| Hildebrand | 6 | Brasil |
| Zealandia | 10 | Las Palmas, Brasil e Argentina |
| Orania | 12 | Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdão |
| | 22-47 | 23-50 |

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA.—Rua do Arco a Jesus, todos os dias úteis, das 10 às 16, com licença.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA.—Dallado.—Todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

ARQUEOLÓGICO.—Largo do Carmo.—Todos os dias das 10 às 16.—30 centavos.

ARTILHARIA.—Largo do Museu de Artilharia.—Todos os dias úteis, das 10 às 16.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO.—Rua Eugénio dos Santos.—Aos domingos, das 10 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUEZ.—Edifício dos Jerónimos, Belem.—Todos os dias úteis, das 12 às 16.

GEOLOGICO.—Rua do Arco a Jesus, na Academia das Ciências, 2.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

JOSÉ VICENTE BARBOSA DU BOUQUE.—Escola Politécnica.—Quintas feiras das 12 às 16.

MISERICORDIA.—Largo de Trindade Coelho.—Ultimo domingo do mês, às 15, 20.

NACIONAL AGRICOLA.—Tapada da Ajuda.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA.—Rua das Janeiras Verdes.

NACIONAL DE COCHES.—Praça Afonso de Albuquerque.—Todos os dias úteis, das 12 às 17.

NACIONAL DE MARINHA.—Largo do Chafariz, 20.—A's terças e domingos, A's segundas, 20 centavos.

a. Só até Quêzuz. — b. Só aos domingos e feriados. — c. Não há aos sábados. — d. Só aos sábados. — e. Só nos dias úteis. — f. Só de Quêzuz.

Linha de Cascais

| Partidas de Lisboa | Chegadas a Cascais | Partidas de Cascais | Chegadas a Lisboa |
|--------------------|--------------------|---------------------|-------------------|
| 0,45 | 1,38 | 0,15 | 1,08 |
| 7,20 | 8,26 | 5,55 | 7,01 |
| 9,00 | 10,01 | 7,30 | 8,36 |
| 10,30 | 11,36 | 8,25 | 9,31 |
| 12,50-a | 13,31 | 9,04 | 9,45 |
| 13,00 | 14,01 | 9,50 | 10,49 |
| 14,00-a | 15,03 | 11,15 | 12,12 |
| 16,00 | 17,02 | 12,40 | 13,39 |
| 17,25 | 18,31 | 14,30 | 15,27 |
| 18,15-b | 19,12 | 16,00 | 17,06 |
| 18,50 | 19,31 | 18,00 | 18,59 |
| 19,00 | 20,06 | 19,00 | 19,59 |
| 19,40 | 20,45 | 19,44 | 20,43 |
| 21,10 | 22,03 | 22,30 | 23,23 |
| 23,10 | 00,03 | — | — |

a. Só se effectua aos domingos e feriados. — b. Não se effectua aos domingos e feriados.

Linha de Cascais

a. Só se effectua aos domingos e feriados. — b. Não se effectua aos domingos e feriados.

Linha de Cascais

a. Só se effectua aos domingos e feriados. — b. Não se effectua aos domingos e feriados.

Linha de Cascais

a. Só se effectua aos domingos e feriados. — b. Não se effectua aos domingos e feriados.

Linha de Cascais

a. Só se effectua aos domingos e feriados. — b. Não se effectua aos domingos e feriados.

Linha de Cascais

a. Só se effectua aos domingos e feriados. — b. Não se effectua aos domingos e feriados.

CAMBIO

| Países | Moedas | Ao par | Comp. | Venda |
|------------|----------|--------|-------|-------|
| Alemanha | Marcos | 485 | 4008 | 4048 |
| Austria | Coroas | 419 | — | — |
| Belgica | Francos | 117,8 | 18126 | 18135 |
| Dinamarca | Escudos | 117,8 | 28203 | 28210 |
| E. U. A. | Dollares | 82,4 | 14835 | 14840 |
| Francia | Francos | 117,8 | 18195 | 18202 |
| Inglaterra | Libras | 472,2 | 54430 | 54470 |
| Italia | Liras | 482 | 6843 | 6850 |
| Suiza | Francos | 117,8 | 28263 | 28270 |

TEATROS E CINEMAS

NACIONAL — A's 21 — O Centenario. POLITEAMA — A's 21,30 — Entre Gentes e Variedades.

AVENIDA — A's 2

